

UMA ABORDAGEM DECOLONIAL NAS ARTES VISUAIS: ARTISTAS LATINAS NA SALA DE AULA

Barbara Mariah Retzlaff Bublitz - UDESC[1]

Jacinta Griebeler - UERGS[2]

Resumo: O presente texto compartilha e busca estimular a experimentação de metodologias decoloniais no ensino das artes visuais na educação básica. A partir do encontro de uma professora de arte pesquisadora com o projeto História da (P)arte, dedicado a levantar material em língua portuguesa sobre as artistas visuais da América Latina, descreve-se aqui uma proposta pedagógica para a inclusão de mulheres latinas no âmbito educativo, objetivando tensionar coletivamente os desafios oriundos do processo.

Palavras-chave: Decolonialidade. Artes visuais. Ensino.

1) Introdução

"A neutralidade não é inocente" (SIMÕES, 2022, p. 15)

Esta escrita foi engendrada a partir do encontro de uma graduanda no curso de licenciatura em Artes Visuais da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul com seu projeto de pesquisa independente "História da (P)arte"[3] - dedicado a criar material virtual sobre artistas latinas - e uma professora da rede pública do município de Jaraguá do Sul em Santa Catarina - em busca de uma prática pedagógica pautada na decolonialidade. Esse encontro foi possibilitado pela infinita rede de conexões que se tornou a internet e foi provocado pelo consenso entre ambas quanto à ausência das mulheres artistas latinas nos currículos escolares da educação básica no Brasil.

Foi durante a pandemia de Covid-19 em 2020 que Jacinta Griebeler iniciou seu projeto "História da (P)arte: a parte esquecida da história da arte - as mulheres artistas latinas" no *Instagram*[4]. Com boa recepção de público, a página foi ampliada para um

[1] Mestre em Artes pela Universidade do Estado de Santa Catarina (2016) e aluna especial do Programa de Pós Graduação em Artes Visuais da UDESC (2023).
[2] Graduanda em Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.
[3] https://historiadaparte.wordpress.com
[4] Instagram, Tiktok e Twitter: @historiadaparte

blog contemplado pelo edital Pró-Cultura, FAC-RS[5]. As inquietações de Jacinta giravam em torno da percepção de haver poucos nomes de mulheres aparecendo nas aulas da graduação, no repertório de seus colegas estudantes ou nos projetos acadêmicos em geral. Por meio da sua investigação, tensiona o eurocentrismo nas referências visuais, visando uma perspectiva pedagógica decolonial e compreendendo que o que está perto geograficamente, torna-se distante quando não conhecido.

História da (P)arte promove uma denúncia desta ausência e se apropria de um espaço para criar representatividades. Neste sentido, conforme Achinte (2009), se a arte lida com a capacidade humana de criar, então a arte desvela e, pode assim, promover o questionamento e a afirmação das realidades - incluindo as subalternizadas - um ato de reafirmar o que nos torna próprios. A arte torna-se, deste modo, um mecanismo de auto-representação, auto-ressignificação e construção de novas simbologias. Serve para ampliar os cenários de discussão acerca da exclusão social.

Este projeto proporciona, com pequenos movimentos constantes, uma rachadura no domínio visual conservador e na dinâmica do sistema artístico - contra uma narrativa dos discursos dominantes. Este relato serve para nos fazer relembrar que a revolução pode ser composta de pequenas mudanças e que compartilhá-las é o caminho.

Quebrar com os padrões excludentes na história da arte tem sido um esforço daqueles que acreditam numa reconstrução dos repertórios imagéticos e nas referências poéticas, estéticas e teóricas nos diversos sistemas onde a arte está presente. É nesta perspectiva que compartilhamos nossa experiência com os leitores: acreditamos no potencial dos professores não apenas como construtores de pedagogias contra-hegemônicas, mas como verdadeiros curadores, desempenhando o papel de determinar quando e como a mudança passa a ocorrer.

Foi justamente no contato pelo *Instagram*, em busca de materiais relevantes sobre Arte na América Latina, que a professora Barbara Bublitz conheceu o projeto e, com ele, chegou às suas variadas plataformas: na época o *twitter*, *tiktok, blog e spotify*[6]*,*

[5] Edital 01 – 2020, Universidade FEVALE – SEDAC RS, visando financiamento de projetos culturais de conteúdos digitais desenvolvidos em 2020.
[6] https://shre.ink/spotifymulhereslatinas

considerando estes veículos como possibilidades educativas para incluir as artistas em suas aulas.

Objetivamos construir, por meio deste diálogo, uma tão esperada oportunidade de falar sobre as artistas esquecidas em nossos currículos e materiais didáticos. Quando uma professora se empodera na sua busca por um repertório que gera novas referências, continuar esticando o colonialismo ou narrativas conservadoras torna-se uma opção.

2) Trabalho docente e pesquisa: a prática para além do índice da ausência

Conforme Walsh (2013), pode-se observar que as ações dirigidas a mudar a ordem do poder colonial - geralmente coletivas - partem de um problema, da identificação de algo que está em desconformidade, da percepção da dominação e opressão, partindo para a organização de uma intervenção com o propósito de mudar a situação atual em prol de uma nova realidade para os princípios em que o conhecimento e a existência estão subjugadas. As pedagogias são estes métodos, práticas e estratégias construídas na resistência.

Neste sentido, consideramos a prática docente um trabalho de pesquisa contínuo. A partir desta compreensão e na busca por tentar construir estratégias decoloniais no ensino de arte, Barbara desenvolveu, com Jacinta, um projeto pedagógico articulado ao História da (P)arte.

Em uma análise breve dos periódicos disponíveis no portal da CAPES, encontra-se uma quantidade expoente de textos tensionando a manutenção da hegemonia patriarcal e colonial nos currículos em artes visuais. Os artigos encontrados apresentavam o fato: deve-se desenvolver uma prática decolonial em arte. Além disso, levantam nomes de artistas a fim de ampliar o repertório não-europeu no ensino. No entanto, quase nenhum texto apresenta propostas metodológicas para tal. Deste modo, com este relato, objetivamos estimular a conexão entre os profissionais da arte e educação e apresentar estratégias para além deste índice da ausência. Com essa informação em mãos, tornou-se evidente a necessidade de, ao se trabalhar as artes visuais na América Latina no espaço formal de educação, abrir-se às experimentações.

A fim de auxiliar nossos colegas, mencionamos neste texto as habilidades da Base Nacional Comum Curricular articuladas no projeto, relacionadas aos nossos objetivos. Evidenciamos que, embora tenham sido estabelecidos diálogos com as demais linguagens das artes, o projeto tem como eixo a unidade temática das Artes Visuais.

O projeto foi desenvolvido durante o mês de Fevereiro de 2023 com uma turma de oitavo ano da rede pública no município de Jaraguá do Sul - Santa Catarina, composta por doze estudantes e pertencente a uma escola localizada na zona rural em uma comunidade conhecida por sua origem germânica, o que caracteriza suas referências culturais a serem ampliadas durante o projeto.

Buscou-se desenvolver, neste projeto, trabalho de pesquisa, apreciação e análise das artes visuais a partir dos trabalhos das artistas levantadas pelo projeto História da (P)arte, mulheres estas que pertencem a contextos distintos e possuem matrizes estéticas e culturais também diversas. Com isso, amplia-se o repertório imagético destes estudantes, como também nos possibilita compreender e simbolizar o mesmo[7].

Para tanto, iniciamos com a visita ao *blog* com a proposta de conhecer o projeto de difusão virtual de artistas visuais latinas e refletir sobre a importância da representatividade promovida por ele. Os estudantes foram orientados para, em duplas, investigar a página em busca de uma artista com a qual se identificassem. Com a escolha feita, deveriam desenvolver uma pesquisa para apresentar aos colegas a obra e a artista escolhida.[8] Esse compartilhamento nos permitiu conversar sobre de onde são as mulheres apresentadas e, portanto, quais países compõem o território da América Latina; também discutir o que possuem de semelhante que os agrupam e analisar a diversidade de linguagens artísticas representadas no material levantado por Jacinta (fotógrafas, escultoras, pintoras, etc).

[7] O que conversa diretamente com a habilidade EF69AR01.
[8] Exemplos das apresentações desenvolvidas pelos estudantes estão disponiveis em: https://shre.ink/lolabravo, https://shre.ink/leonorfini, https://shre.ink/leonoracarrington

Figura 1 - Estudantes iniciando a investigação no blog



Fonte: As autoras (2023)

Para além da pesquisa, a lida com os aplicativos para edição e compartilhamento de materiais, tem por objetivo instrumentalizar este grupo a fim de promover autonomia e, deste modo, sentirem-se capazes de, sozinhos, explorar os recursos de comunicação através dos diversos dispositivos móveis disponíveis em suas casas e na escola.

Após apresentação das pesquisas para o grande grupo, os estudantes foram orientados a fazerem uma busca por imagens diversas relacionadas às obras das artistas escolhidas (as obras em si ou elementos trazidos pelas artistas). Com essas imagens, foram convidados a desenvolver colagens digitais explorando o recurso da plataforma *Canva* para educadores[9] em um grupo criado pela professora. Deste modo, os estudantes ampliam e reforçam seus repertórios com imagens de obras das artistas latinas e, ainda, exploram a técnica da colagem no ambiente digital e desenvolvem habilidades com esta ferramenta.

Após desenvolvimento das colagens, as mesmas foram apresentadas ao grupo, a fim de compartilhar os processos, tentando compreender suas dificuldades,

[9] Através de um cadastro na plataforma, mediante comprovação, os educadores podem acessar gratuitamente os recursos pagos.

explicitando quais métodos foram utilizados para alcançar os objetivos individuais e os resultados finais.

Para desenvolver esta atividade, a professora iniciou sua aula expositiva explorando a projeção de imagens do seu trabalho para a turma, salvando algumas imagens da fotógrafa Alice Brill passou a desenvolver a colagem para que os estudantes acompanhassem o processo, demonstrando quais recursos poderiam ser utilizados para criar recortes, colagens, texturas, cores, sobreposições, etc.

Figura 2 - Colagem criada pela professora.



Fonte: As autoras (2023).

Figura 3 - Colagem criada pelos estudantes.



Fonte: As autoras (2023).

Figura 4 - Colagem criada pelos estudantes.



Fonte: As autoras (2023)

Figura 5 - Colagem criada pelos estudantes.



Fonte: As autoras (2023)

Destaca-se que a turma, embora caracterizada pelos traços de uma comunidade rural, é composta, junto a isso, por adolescentes vivendo o século XXI. Como um relato de experiência pautado na verdade, destacamos que, para além da construção de um repertório amplo a fim de promover espaços de encontro com a representatividade; além da lida com novos recursos de uma ferramenta já conhecida no cotidiano escolar, exercitamos o aprendizado de uma habilidade tão rara na contemporaneidade: a paciência.

O desenvolvimento da proposta de colagem não soma, afinal, apenas louros. Observa-se que a lida com imagens digitais é algo banal. O trabalho digital é rápido. Soma-se ao aprendizado dos recursos, o aprendizado sobre a serenidade da mudança. Inúmeras idas e vindas à mesa da professora, na esperança de enfim ter terminado para poder explorar recursos mais sedutores da internet foram confrontados com a insistência da mesma para “veja, e que tal se você fizer mais isso?”. A produção de imagem e a manipulação das mesmas já não é, em si, uma habilidade a ser “aprendida”, observamos que, sim, trata-se de um reaprender a conviver e lidar com essas imagens e ferramentas tão rápidas e acessíveis. Notamos a necessidade de um trabalho inverso: vamos aprender a pensar sem pressa? Vamos aprender a experimentar inúmeras

possibilidades até alcançar o resultado final? Compartilhamos esta reflexão com nossos colegas professores a fim de acalentá-los, uma vez que a luta cotidiana para melhor utilizar as tecnologias contemporâneas trata-se, por vezes, de um processo de freamento frente a aceleração constante a qual somos expostos.

3) Algumas considerações

Buscamos estimular, com este relato, para além da já mencionada abordagem decolonial das artes visuais, que nossos colegas professores da educação básica ocupem os espaços: que na escola, não tenham receio de experimentar (uma vez que uma experiência pensada com seriedade pode ser seu processo enquanto pesquisador); não sintam medo do movimento oriundo da criação e que não temam ocupar os espaços acadêmicos com suas pesquisas, seus métodos, suas indagações e suas experiências. Do mesmo modo, que por meio do encontro entre essas duas profissionais em processo de formação, cada uma a sua maneira, sintam-se encorajados para protagonizar seus processos de aperfeiçoamento contínuo.

Neste relato, com nosso encontro, convidados a refletir coletivamente, na perspectiva das pedagogias decoloniais, sobre estratégias de inclusão de outras historiografias das artes visuais e como podemos desestabilizar a mesmice. Questionamos, com quem nos acompanha, quais atravessamentos são necessários para decolonializar repertórios visuais ao lecionar e apresentamos algum respiro a fim de vencer, por um momento, o cansaço curricular e persistir para dissolver as fronteiras estéticas.

Retomamos as palavras de Walsh (2013) para encerrar este relato, confiando que as pedagogías decoloniais são aquelas que se esforçam para abrir gretas e provocar aprendizados, desaprendizados e reaprendizados, a fim de plantar sementes e não doutrinas - cogitar caminhos.

Referências:

ACHINTE, Adolfo Albán. *Artistas indígenas y afrocolombianas:* Entre las memorias y cosmovisiones estéticas de la resistencia, In: MIGNOLO, W.; PALERMO, Z. Arte y estética en la encrucijada descolonial. Ediciones del Signo, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular.* Brasília, 2018.

SIMÕES, Alessandra. *A virada decolonial na arte brasileira.* São Paulo: Editora Mireveja, 2022.

WALSH, Catherine (Ed.). *Pedagogías decoloniales:* prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. Tomo I. Quito, Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2013.